

A revolução pelo compartilhamento

A revolução pelo compartilhamento

Waldir Salvador*

A economia colaborativa está promovendo uma transformação no comportamento de consumo da sociedade e promete se consolidar como um movimento duradouro e revolucionário ao estabelecer novas formas de consumir produtos e serviços e definir um estilo de vida baseado no compartilhamento que passa por itens de alimentos, transporte, informação e moradia. Este conceito está presente quando um objeto usado passa de um local onde ele não é mais necessário para onde ele é, por exemplo, ou quando o consumidor paga pelo benefício e não pelo produto em si, quando se escuta uma música de forma compartilhada sem ter que necessariamente comprar o CD. A economia compartilhada permite que as pessoas mantenham a mesma rotina de vida, sem precisar adquirir mais produtos, o que impacta na economia de dinheiro e na sustentabilidade do planeta.

O compartilhamento foi bastante favorecido e potencializado pelo advento de novas tecnologias como os aplicativos e as redes sociais que conectam necessidades comuns de desconhecidos a fim de proporcionar a utilização conjunta de bens e serviços em níveis nunca antes imaginados. Alavancando a economia colaborativa estão empresas e projetos que perceberam a oportunidade e surgiram para preencher demandas deste tipo, como é o caso dos aplicativos de caronas e o compartilhamento de bicicletas que reduzem a quantidade de carros nas vias beneficiando a sociedade, o meio ambiente e melhorando a qualidade de vida da população. Um exemplo deste tipo é o Bike CSul, instalado na Lagoa dos Ingleses em Nova Lima. O projeto permite aos indivíduos o uso das bicicletas, sem ter que arcar com os custos e responsabilidades de ter uma bike. Por uma taxa única de cadastramento, cada usuário pode utilizar a bicicleta por uma hora de forma gratuita e a cada hora adicional é cobrado um valor fixo a mais.

Um outro aspecto observado neste novo comportamento é que nesse modelo a sociedade organizada tem se mostrado hábil na solução de questões comuns chegando à conclusão que algumas decisões podem ser tomadas para o bem coletivo seja do bairro, de grupos específicos ou da cidade. Muitas vezes, até ocupando lacunas negligenciadas pelo Estado ou onde o poder público tem se mostrado ineficiente para solucionar os problemas. Um exemplo que mostra o poder da organização da sociedade é o aumento das hortas urbanas. A mobilização social busca espaços para cultivo, valoriza locais não aproveitados e, com isso, reduz os custos e melhora a qualidade da alimentação das famílias. Em Nova Lima, na Lagoa dos Ingleses, foi implantado um projeto chamado "Um pomar em cada calçada". A ação consiste em mobilizar cada habitante para semear, em seu próprio passeio, árvores frutíferas, possibilitando o acesso de todos à colheita de frutas variadas. Iniciativas como estas ampliam as ofertas de alimentos saudáveis e tem impacto socioeconômico e ambiental. Embora ainda pontuais, os projetos podem se disseminar em todas as cidades.

Experiências de compartilhamento de objetos usados em outros países também ganham força como na Dinamarca, por exemplo. Considerada a comunidade alternativa mais conhecida do mundo, em Christiania há trocas de serviços e objetos entre os moradores, que são deixados em barracas para que quem queira simplesmente pegar sem pagar e também depositar peças que não são mais usadas. Isso poderia ser perfeitamente implantado nos bairros com postos de coleta para o compartilhamento coletivo de roupas.

A economia colaborativa não anula o lucro e nos leva a um outro patamar de consumo responsável. As empresas têm a oportunidade de repensar o formato de sua atuação e os novos moldes de consumo, se reinventando e empreendendo. A mudança está em andamento, mas está claro que compartilhamento veio para ficar, pois transforma espaços, coloca em prática a sustentabilidade, aproxima pessoas e melhora as cidades.

*Superintendente da CSul Desenvolvimento Urbano